

#### 4. Sede de realização

Quando Jesus grita da Cruz: "Tenho sede", e em seguida, depois de ter tomado o vinagre, diz: "Tudo está consumado" (Jo 19,28.30), expressa precisamente a coincidência impossível de alegria e dor, que experimentava no desejo realizado da vontade do Pai.

Do que Jesus tem sede na Cruz? O que aspira seu coração? "Está consumado! – *Tetelestai!*", diz, inclinando a cabeça e expirando. Nosso coração tem sede de realização, plenitude. Mas de que plenitude Jesus fala? Qual plenitude vê realizar-se na sua sede, no vinagre que lhe dão para beber e enfim na sua morte? João entendeu, viu, enfatizou, como fizeram os outros evangelistas, a cada passo da Paixão: a plenitude que Jesus vê realizar-se é aquela das Escrituras. E por Jesus, as Escrituras não são que a expressão e

o mundo: "Te louvo, Pai, Senhor do Céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e doutos e as revelaste aos pequeninos. Sim, Pai, porque assim foi de Teu agrado, na Tua benevolência" (Mt 11,25-26). descrição da vontade do Pai.

O pai de um jovem amigo, doente de câncer, em suas últimas semanas de vida lia um meu livro, e disse que se tivéssemos nos encontrado, teria me perguntar por que no Evangelho, se insiste tanto na expressão "para cumprir a Escritura". Não conseguia entender o motivo desta insistência, que lhe parecia exagerada e um pouco supérflua. Nós não nos encontramos e a sua pergunta me foi dita após sua morte, e agora ele receberá a resposta diretamente de Deus.

Certamente, a preocupação dos evangelistas era, antes de tudo, mostrar que Jesus era o Messias esperado por Israel, e que sua vida, especialmente sua paixão, morte e ressurreição, foi anunciada pelas Escrituras, e Jesus vinha para iluminar o que as Escrituras anunciaram e que não se poderia compreender antes que acontecesse. Mas é verdade que esta explicação não basta, pois seria como se o cumprir-se das Escrituras em Cristo servisse apenas para nós. Ao invés, devemos pensar que o cumprimento das Escrituras foi principalmente para o próprio Jesus, foi importante para o próprio Jesus. Por que nisto, Jesus meditava o cumprimento da vontade do Pai em sua vida e por assim dizer, confirmava e alimentava sua obediência filial e grata.

A alegria plena de Cristo, era de ver acontecer a vontade do Pai para Ele e em volta Dele. Quando lhe deram o vinagre, claro que Jesus pensou no Salmo 68: "Quando eu estava com sede, me deram vinagre" (Sal 68,22)! Isto é, até o último momento, cada dor, cada ferida, cada gesto de ódio e desprezo que sofria, cada sentimento, até o de sentir-se abandonado por Deus – "Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?" (Sal 21,2) –, em tudo Cristo via o realizar-se das Escrituras, e isto lhe confirmava que era vontade do Pai o que estava acontecendo, não a vontade dos escribas e fariseus, não a vontade do sumo sacerdote e do Sinédrio, não a vontade de Pilatos ou Herodes, mas a vontade do Pai. E esta era a plena alegria de Jesus, a realização de seu coração.

Como Jesus devia ouvir as palavras do Salmo 39! "Sacrifício e oferta não quiseste; os meus ouvidos abriste; holocausto e expiação pelo pecado não reclamaste.

Então disse: Eis-me aqui; no rolo do livro de mim está escrito. Deleito-me em fazer a tua vontade [esta é toda a minha alegria!], ó Deus meu; sim, a tua lei está dentro do meu coração" (Sal 39,7-9).

Quando nos é dada uma palavra da Escritura, quando sentimos que é para nós, inesperadamente, talvez nos contradizendo no que estamos vivendo ou na maneira em que estamos vivendo, é importante entender que somos chamados a entrar nesta alegria paradoxal de Jesus Cristo, e os nossos encontros e meditações deveriam nos ajudar sempre a entrar nesta consciência, nesta "compreensão do fim" da vida e do coração, que me sugeriu o título do Salmo 41.

É possível encontrarmos a plenitude da alegria, em cumprir a vontade do Pai, em todas as circunstâncias e sentimentos da vida? É possível para nós a experiência da alma de Cristo, daquela coincidência de alegria e dor, ou melhor, desta alegria na dor, somente em constatar que cada acontecimento é da vontade de Deus?

Certamente é possível, pois Cristo nada viveu, fazendo-se homem, se não para nos comunicar esta experiência.

Aos pés da cruz, Maria recebe do Filho a mesma experiência e, consentindo, ensina João a fazer o mesmo. Em sua imensa dor permanece silenciosa, porque ouve, "lê" com Jesus e em Jesus o cumprir-se das Escrituras, da vontade de Deus, do desígnio de Deus, que desde o início disse "sim". Ou melhor: disse "*Fiat!*", que é mais de simplesmente dizer "sim". *Fiat*, que significa "cumpra-se", "aconteça", "seja feito", "faça-se", é um "sim" que se abre ao evento que Deus realiza, cumprindo a sua Palavra. "Eis a serva do Senhor: faça-se a mim segundo a vossa palavra" (Lc 1,38).

Maria responde desta forma imediatamente após o anjo dizer que "nada é impossível para Deus" (Lc 1,37). Tomando o texto literalmente, este versículo poderia ser traduzido como: "não será impossível para Deus cada palavra", como aliás, a Vulgata traduziu: "*non erit impossibile apud Deum omne verbum*".

Assim, Maria ecoa esta Palavra de Deus, que pode e deseja fazer-se presente nela e através dela. Sua liberdade permite à palavra de Deus realizar-se em um evento, de acontecer como Palavra a qual Deus pode sempre realizar.

E diante da Cruz, tudo se renova, tudo se realiza. Realiza-se o Verbo feito carne para morrer e ressuscitar, e se cumpre a liberdade de Maria, toda *Fiat* à Palavra do Pai. Por isso, também para a Virgem, a dor coincide com a alegria misteriosa de ver a vontade do Pai se cumprir.

Para cada um de nós, trata-se de converter a nossa liberdade em um *Fiat*, que permite à Palavra de Deus, isto é, à vontade de Deus, se realizar em nós e através de nós. Nisto consiste o núcleo da nossa conversão.

Qual mistério, que a Palavra no qual nada é impossível deva e queira curvar-se ao consentimento de uma liberdade humana, tão frágil e miserável como a nossa, para poder se realizar! Maria não tinha pecado, mas tinha o senso de sua fragilidade humana, tinha consciência de ser uma serva pequena, como canta no *Magnificat* (cfr. Lc 1,48). O sentimento de sua fragilidade, vivido como humildade, não era objeção, mas uma abertura para a realização da vontade onipotente de Deus.